QUEBRADEIRAS DE COCO DE BABAÇU: CULTURA TRADICIONAL E A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

BABASSU COCONUT BREAKERS: TRADICIONAL CULTURE AND THE ENVIRONMENT PRESERVATION

Rosana Maria Pires Barbato Schwartz [1]

Resumo: Esta pesquisa foi desenvolvida dentro de uma perspectiva interdisciplinar, com destaque para uma abordagem histórica cultural da questão. Visou problematizar, questionar e destacar sob a perspectiva de gênero as ações cotidianas das mulheres quebradeiras de coco de babaçu, do Médio Mearim/Maranhão, organizadas em movimentos sociais e associações que defendem práticas sustentáveis, o agroextrativismo, a preservação da Floresta Amazônica secundária (que cobre cerca de dez mil hectares com babaçuais) e, principalmente, a valorização do trabalho feminino no campo e direitos fundamentais, particularmente a partir de um dos Programas da ONG - ASSEMA - Comercialização Solidária. Dentro dessas várias questões as pesquisadoras Rosana Schwartz, Maria Izilda Matos e Andrea Borelli investigaram por meio da história oral e trabalho de campo, como as mulheres quebradeiras de coco vem conquistando a partir dessas ações um mercado solidário, de forma a implementar e ampliar a "Lei do Babaçu Livre" nos municípios do Médio Mearim, compreender o modelo de políticas públicas gestado por essas ações, que levam em conta projetos alternativos de cultivo. As quebradeiras criaram ações que produzem, na região, o trabalho em roças orgânicas, por meio de sistemas agroextrativistas com fruteiras tropicais e sistemas integrados, inseridos num mercado dito solidário ou justo, a partir de um dos Programas da ONG - ASSEMA - Comercialização Solidária.
Palavras-chave: Agroextrativismo; Babaçu; Cultura Tradicional.

Abstract: This research was developed inside an interdisciplinar perspective, with higlights to an cultural historic approach of the question. It aimed to problematize, to question and highlight the cotidian actions under the gender perspective of the babassu coconut breakers, from the mid Mearin/Maranhão, organized in social movements and associations that defend the sustaintable practices, the agroextractivism, the preservation of the secondary Amazon rainforest (witch covers about ten thousand hectares with babassu) and, mainly, the appreciation of the female work in the field and the fundamental rights, particularly from one of the programs from the ASSEMA NGO - Solidary

[1] Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

commercialization. Within these various issues, the researchers Rosana Schwartz, Maria Izilda Matos and Andrea Borelli investigated through oral history and field work, how babassu breaker women are acquiring from these actions, a solidary market, in a way to implement and expand the "Free Babassu Law" in the municipalities of the mid Mearin, to comprehend the public political models developed by these actions, that consider alternative means of cultivation projects. The breakers have created actions that produce, in the region, the organic gardens work, through agroextractivist systems with tropical fruits and integrated systems, inserted in a market said solidary or fair, from one of the ASSEMA NGO - Commercialization Solidarity.

Keywords: Agroextractivism; Babassu; Traditional Culture.

O trabalho das quebradeiras de coco babaçu não consiste somente em recolher os cocos[2] e proceder à extração das amêndoas, trata-se de um trabalho cooperativo e basicamente feminino.

Estas mulheres são geralmente descendentes de indígenas e mantém formas de trabalho tradicional, tanto no extrativismo do babaçu como na agricultura de subsistência e no artesanato. É uma marca cultural destas comunidades rurais que o trabalho seja realizado pelas mulheres, que nesta experiência, organizam seu tempo cotidiano, demonstram sua capacidade de luta política e de preservação ambiental.

A diversidade de aplicações do fruto e das folhas do babaçu possibilita para uma parte da população do Médio Mearim sustentar ou complementar o sustento de suas famílias. A utilização do babaçu não se limita ao fruto, as folhas das palmeiras são utilizadas na cobertura de casas, assim como em janelas, portas, cercas, gaiolas, cestos, peneiras e esteiras, podendo também servir de alimento para o gado e adubo para as plantações. O mesocarpo de babaçu (massa do coco que está localizada logo depois da casca do fruto) é a principal matéria-prima para o desenvolvimento da farinha de mesocarpo, destinada à alimentação humana, complemento alimentar importante, principalmente para crianças desnutridas e mulheres gestantes.

As atividades com o coco babaçu tradicionalmente são transmitidas de mãe para filha, mas, no seu processo sofreram transformação.

As tensões na região se iniciaram na década de 1950, mas os principais problemas entre os proprietários e as quebradeiras de coco começaram nos anos 60, quando a extração começou a encontrar empecilhos, os proprietários passaram a isolar as áreas de babaçu, impedindo a coleta pelas quebradeiras. Estes enfrentamentos se estenderam por cerca de duas décadas, apesar das negociações, várias famílias ainda se encontram sob o controle dos proprietários das terras.

"Na região do Médio Mearim fortes conflitos foram

[2] As amêndoas são encontradas na parte interna do coco e, cada um geralmente tem entre três ou quatro amêndoas.

> travados, principalmente na década de 1980, tendo como foco de resistência centenas de famílias camponesas que lutaram, e lutam, dentre alguns outros motivos, contra a submissão causada pela apropriação das terras por grandes proprietários. [3] "

Os conflitos agrários se estenderam pelos anos 80 e geraram intenso êxodo rural. Buscando enfrentar estas questões, famílias agroextrativistas se constituíram em associações e cooperativas. A ASSEMA foi uma dessas organizações, na sua trajetória contribuiu para diversas ações e mudanças, hoje busca promover a produção familiar, auxiliar na economia comunitária, incentivar o desenvolvimento sustentável, a agricultura ecológica orgânica, combater ao êxodo rural, e a valorizar a mulher, conjuntamente com a utilização e preservação dos babaçuais[4].

Esta organização originou-se nos finais dos anos 80, sendo encabeçada por trabalhadores rurais e principalmente pelas quebradeiras de coco:

> "Criada em maio de 1989, a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (ASSEMA) surgiu com o objetivo de unir as quebradeiras de coco da região do Médio Mearim, no Maranhão, em torno de objetivos comuns que reforçassem a pequena produção local e às famílias produtoras através, principalmente, de acompanhamento técnico-agrícola, de estabelecimento de créditos e de políticas específicas voltadas ao fortalecimento da produção. [5]"

A ASSEMA (Associação em Área de Assentamento do Maranhão) visa à cooperação entre as pessoas que trabalham e vivem do coco de babaçu, articulando trabalhadores rurais e quebradeiras de coco babaçu, busca organizar, valorizar e dar visibilidade às ações agroextrativistas, bem como, viabilizar a permanência dessas famílias em suas terras com qualidade de vida.

> "Promove a produção familiar, utilizando e preservando os babaçuais, para a melhoria da qualidade de vida no campo. De caráter regional, a ASSEMA não tem fins lucrativos e atua na denominada região do Médio Mearim, no estado do Maranhão, localizado no Meio Norte do Brasil. [6]"

[3] RÊGO, J. L.; ANDRADE, M. P. História de mulheres: breve comentário sobre o território e a identidade das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão. In: Agrária, São Paulo, n. 3. 2006, p. 47-57.

[4] SOUZA, R. C.; OLIVEIRA, J. C.; SALES, V.C. Agroextrativismo familiar: a consolidação de uma alternativa sustentável para a Região do Mearim. In: Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, 2007.

[5] RÊGO, J. L.; ANDRADE, M. P. História de mulheres: breve comentário sobre o território e a identidade das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão. In: Agrária, São Paulo, n. 3. 2006, p. 47-57.

[6] ASSEMA. Disponível em <http://www.assema.org.br/>. Acesso em: 22 fev. 2012.

Este grupo se destaca entre os que trabalham com o babaçu, há outros tipos de cooperativas e ONGs que buscam a proteção e a defesa dos interesses das quebradeiras de coco de babaçu localizadas nos Estados do Maranhão, Piauí, Mato Grosso e Tocantins.

A ASSEMA atua em comunidades do Médio Mearim, no Maranhão, aonde se concentram as maiores áreas de babaçuais do País, composta por 16 municípios e com mais de oito quilômetros quadrados de extensão e de aproximadamente 257 mil habitantes[7].

Na sua trajetória de ações merece menção os eventos de 1997, quando da luta pela aprovação da Lei do Babaçu Livre, em um dos municípios. Esta medida permite a extração do babaçu mesmo em terras privadas, a sua extensão para todo o território estadual e federal se tornou uma das principais reivindicações da ASSEMA, já que persistem problemas como a expansão da monocultura e a transformação dos babaçuais em pasto.

> "A forma de trabalho é determinada pela relação com a terra e com o babaçu. Se as terras onde tem ocorrência de palmeiras de babaçu são áreas de posse, de assentamento, pequenas propriedades, reservas extrativistas, ou forma que indica domínio por parte das famílias camponesas, as famílias dessas áreas e geralmente das circunvizinhas têm livre acesso aos babaçuais e, portanto, o trabalho é livre. Existem exceções a essa regra, especialmente onde houve loteamento de áreas comuns. É também livre quando mesmo em terras privadas dominadas por fazendeiros foi conquistado o livre acesso ao babaçu, seja através de leis municipais e/ou da luta para *libertar o coco.* Quando o babaçu está em terras privadas e não é permitido às mulheres o livre acesso, o trabalho delas não será livre, pois as quebradeiras de coco são obrigadas a manter relações de obediência ao proprietário das terras ou arrendatário do coco.[8]"

Dessa forma, o processo de luta e constituição da ASSEMA levou quebradeiras de coco babaçu e trabalhadores rurais a se constituírem enquanto sujeito político, rompendo com vínculos estabelecidos e renovando o processo de organização da produção e comercialização na área, além de desenvolver outras demandas.

> "Nossas conquistas... depois da terra... e direito de coletar o coco nas fazendas, foi o projeto da fábrica que só começou mesmo de verdade só em 2007... antes tinha que organizar as mulheres quebradeiras para entender seus direitos, defender o meio ambiente, lutar contra as violências dos homens, violência doméstica e prostituição, que ainda é algo muito presente na vida da gente para depois a fábrica..., nosso objetivo é trabalhar em grupo, aprender e ensinar a trabalhar de forma coletiva e isso demora, né? Luta para melhorar a educação, por que isso é o principal…sem educação não

[7] Dados do IBGE 2007, extraídos do portal Sistemas de Informações Territoriais, do Governo Federal.

[8] FIGUEIREDO, Luciene D. Empate nos babaçuais: do espaço doméstico ao espaço público – lutas de quebradeiras de coco babaçu no Maranhão. Belém, 2005.p.31.

> dá, né? A luta pela saúde veio quase junto…todas as coisa a gente pensou junto…conforme se organizava. As condições de vida da comunidade tinha que melhorar, ai a gente pensou como fazer isso… Lutamos no dia-a-dia para conseguir tudo isso e a criação da Reserva Extrativista de Enseada da Mata – que seria a luta pelo acesso livre ao babaçu....né? Queremos a proibição da criação de bois nos campo... o gado mata a palmeira e tira o nosso sustento e só serve para deixar os fazendeiros ricos... [9]"

Como já dito, a ASSEMA tem entre seus agentes principais as quebradeiras de coco do babaçu do Médio Mearim, cujo ofício é a quebra, extração e manuseio deste produto, além da venda da amêndoa e da confecção de produtos dele originados. Apesar da organização do movimento se iniciar devido aos conflitos de terras ocorridos, no seu processo assumiu outras questões como a preservação do meio ambiente com o aperfeiçoando métodos de se colher o coco de babaçu com base no desenvolvimento sustentável. Para tanto, produzem cartilhas e palestras com as práticas de difusão das alternativas de extração, visando que as práticas tradicionais (queima e derrubada das palmeiras de babaçu) entrem em desuso.

> "Para isso protegemos a reserva do babaçu. Não podemos deixar qualquer ameaça pelo fazendeiro de destruir os babaçuais, pois o planeta iria sentir muito…é floresta virgem....é ar....é umidade....Se derrubar as palmeiras o clima muda...lógico que muda, né? E os bichos que vivem lá? Como ficam?. Muda toda a estrutura do local. Por isso temos que lutar pela reserva extrativista das regiões. Esse é o ponto principal do nosso projeto, preservar o meio ambiente. Não precisamos ganhar muito dinheiro...nem queremos...nós queremos viver em paz com o meio ambiente e tirar dele o nosso sustento sem estragar nada.... Os babaçuais são inteligentes, dão respostas para o homem,.... vê as desgraças que esta acontecendo por ai? É resultado da falta de respeito com o meio ambiente. [10]"

A ASSEMA atua de forma direta em sete municípios; em 22 projetos de assentamentos rurais, distribuídos em 63 comunidades/povoados; 57 comunitárias de base, sendo duas cooperativas agroextrativistas, uma associação de mulheres, uma associação de jovens rurais, uma comissão de mulheres, um grupo de mulheres; 45 comunitárias de assentamentos; três Sindicatos de Trabalhadores (as) rurais e três Escolas Famílias Agrícolas. Trabalham na Associação 8.285 pessoas, mas as atividades incorporam aproximadamente 35.000 pessoas, já que os benefícios atingem uma comunidade que usufrui de escolas,

[9] Luciene coordenadora da ASSEMA em São Luís. Entrevista realizada em 26/06/2012.

[10] Maria de Jesus Ferreira Bringelo - Dijé, fundadora da ASSEMA e coordenadora do Movimento Interestadual das quebradeiras de coco de Babaçu, MIQCB,criado pela ASSEMA. Entrevista realizada em 12/07/2011.

estradas, energia elétrica, moradias, água, etc.[11]

Entre as alternativas implementadas destaca-se o Sistema de Produção Agroextrativista baseado na diversificação da produção familiar e uso de técnicas de cultivo que visam recuperar a fertilidade dos solos, bastante prejudicados na região pelo uso abusivo dos agroquímicos, do fogo e de máquinas pesadas. Na constituição deste sistema buscou-se respeitar a produção familiar, adicionando novas técnicas e incentivando o consórcio da palmeira de babaçu com as criações de animais (pequeno, médio e grande porte); culturas anuais (arroz, milho, feijão e mandioca); hortaliças; espécies frutíferas e madeireiras; plantas medicinais e plantas aromáticas.

Estas ações buscam garantir alimentação, melhor utilização dos recursos naturais, sustentabilidade e aproveitamento da produção familiar, uso de tecnologias e técnicas apropriadas, valorização das famílias e dos conhecimentos locais, bem como, consolidação da conquista da terra.

Neste processo, cabe destacar a experiência precursora do município de Esperantinópolis, depois estendida para outras áreas com a Associação dos Agricultores da Gleba Riachuelo (município de Lima Campos). O consórcio de culturas incluiu o plantio de banana, abacaxi, caju, jaca, mamão, árvores madeireiras, leguminosas e a palmeira de babaçu. Já em Lago do Junco introduziram-se roças orgânicas de arroz, mandioca, milho e feijão, consorciados com a palmeira de babaçu, também se organizou uma escola família agrícola, objetivando fundamentar os filhos e filhas dessas pessoas nos princípios agroextrativistas.

Nos primeiros sete anos da fundação da ASSEMA, os associados eram representantes indicados pelos grupos comunitários, a partir de 1996, passou a admitir a vinculação de organizações coletivas, com direito de indicação de uma ou até três pessoas para a representação nas assembleias gerais. Atualmente, a ASSEMA conta com 49 associados individuais e 28 coletivos que representam as cooperativas agroextrativistas, associações comunitárias, grupos de mulheres, sindicatos de trabalhadores rurais, Escola Família Agrícola e Grupos de Jovens.

A forma de gestão é participativa em que a orientação das ações parte das organizações de base (associações comunitárias, cooperativas, grupos de mulheres, grupos de jovens, escolas famílias agrícolas e sindicatos de trabalhadores rurais), englobando desde as discussões locais e regionais, até a instância máxima de deliberação, as Assembleias Gerais Ordinárias.

A gestão da ASSEMA é feita através discussões realizadas na Assembleia Geral, também das ações do Conselho de Coordenação, da Diretoria Executiva, do Conselho fiscal e dos Diretores de cada projeto em execução. As reuniões das articulações regionais acontecem a cada dois meses, discutindo e orientando ações. Embora cada

[11] ASSEMA. Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão. Relatório de atividades semestral 2005. São Luís, 2005, 35 p.

organização de base seja autônoma nos seus projetos e forma de funcionamento, as propostas coletivas e ações conjuntas mais amplas são implementadas por mobilizações, articulações e planejamentos (principalmente de políticas públicas) unificados.

Existem quatro Articulações Regionais com formação específica:

I. Articulação de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues, composta por: dois Sindicatos de Trabalhadores Rurais, uma Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (COOPPALJ), uma Escola Família Agrícola de Lago do Junco (EFALJ), uma articulação de jovens e 12 associações de assentados;

II. Articulação de Esperantinópolis, composta por: um Sindicato de Trabalhadores Rurais, uma Cooperativa dos Pequenos produtores Agroextrativistas de Esperantinópolis (COOPPAESP) e nove associações de assentados;

III. Articulação de Lima Campos, Peritoró e Pedreiras, composta por: um Sindicato de Trabalhadores rurais, uma Escola Família Agrícola e 14 associações de assentados;

IV. Articulação de São Luís Gonzaga, composta por: um Sindicato de Trabalhadores Rurais, uma comissão municipal de mulheres, um grupo comunitário de mulheres, uma escola família agrícola e 11 associações de assentados.

A Assembleia Geral é o órgão máximo da Associação, sua reunião ordinária acontece uma vez por ano, geralmente no mês de dezembro. Nesta examina-se a gestão; aprova-se o plano de trabalho e o orçamento anual; apresentam-se os relatórios de cada programa; aprova-se ou não a prestação de contas da diretoria e faz-se a leitura do estatuto e regimento interno e suas alterações, se forem necessários. A cada dois anos realiza-se uma nova eleição da diretoria.

O Conselho de Coordenação é composto por doze diretores, sendo atualmente cinco mulheres e sete homens. Essas pessoas são votadas nas pré-assembleias que acontecem nas articulações regionais, nas quais quatro delas permanecem em suas bases tendo como função fazer o acompanhamento dos trabalhos desenvolvidos na região.

A Diretoria Executiva é responsável pelas tomadas de decisões, por representar oficialmente a entidade e fazer com que os projetos sejam operacionalizados em suas bases. Atualmente são cinco diretores, sendo duas mulheres e três homens. Para a constituição desta diretoria busca-se a combinação de três aspectos: gênero, municípios e programas/eixos de trabalho, visando manter o equilíbrio de representação entre o número de homens e mulheres e das quatro Articulações Regionais.

O Conselho Fiscal é formado por quatro membros, sendo três mulheres e um homem, encarregados pela análise das prestações de contas da entidade.

A ASSEMA conta com equipe técnica de assessoria jurídica, econômica, política, social e ambiental às famílias participantes e um Conselho Técnico, que tem a função de coordenar e orientar a execução do planejamento. A cada dois meses acontecem reuniões da diretoria e da equipe técnica, nas quais cada uma destas tem seu próprio nível de decisão (a diretoria com relação às ações políticas, linhas e grupos de trabalho e a equipe técnica, na operacionalização das propostas). Da mesma forma, os programas são avaliados semestralmente por representantes das organizações de base, direção e equipe técnica.

O planejamento institucional inicia-se com as avaliações realizadas pelas organizações de base. Seguem-se as oficinas de planejamento, das quais participam representantes de todas as organizações de base, diretoria da ASSEMA, equipe técnica e algumas lideranças. Por fim, a proposta é concretizada em forma de um plano de trabalho, sendo então apresentada à Assembleia Geral Ordinária. Dependendo do contexto da organização, se houver necessidade de mudanças estruturais a Assembleia Geral pode ser realizada antes da oficina de planejamento para que a mesma possa indicar as ações a serem debatidas.

Sintetizam-se em cinco linhas programáticas:

a) Programa de Produção Agroextrativista (PPA)

Este programa busca assessorar e incentivar a agricultura orgânica familiar, através de plantios sem queimadas e agrotóxicos, adoção de técnicas e insumos adequados, consorciando culturas anuais e permanentes com a palmeira de babaçu, evitando dessa forma, a derrubada das palmeiras e a degradação do meio ambiente.

b) Programa de Desenvolvimento Local e Políticas Públicas (PDLPP)

Promove o associativismo e a luta por políticas públicas nas áreas dos Projetos, tais como: garantia de serviços de infraestrutura (estradas, instalações de água e energia elétrica) e legalização de terras.

c) Programa de Organização de Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu (POM)

Visa organizar as mulheres vinculadas à ASSEMA e ao Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) apoiando a luta pelo livre acesso aos babaçuais. Este programa objetiva de facilitar a inserção das mulheres nos projetos sociais, culturais e econômicos, provocando também os debates sobre as desigualdades de gênero. Também desenvolve ações culturais, como o projeto "Encantadeiras" (2004), através do qual as quebradeiras de coco utilizam do canto como forma de protesto. Estas ações reforçaram laços de identidade, aumentaram a autoestima, mostraram o cotidiano e deram visibilidade à luta pela preservação dos babaçuais. As cantigas entoadas na coleta e acompanhadas ritmicamente pela batida do machado ganharam os palcos, os títulos das canções vinculam-se as lutas: "Essa Luta não é Fácil", "Vem Mulher Nosso Direito Vem", "Ninguém Escuta Meu Grito" e o xote das quebradeiras "Ei Não Derrube Essa Palmeira". Elas se apresentam em espaços municipais, estaduais, nacionais e

internacionais, com artistas renomados como Zeca Baleiro (Pedreiras), Mestre Antônio Vieira e Rosa Reis (São Luís), Nega Gizza (SP) e Alcione Nazareth (RJ), abriram eventos importantes como Terra Madre Brasil (Brasília) e Terra Madre, em Turim/Itália.

d) Programa de Comunicação e Mobilização de Recursos Locais (PCMRL)

Este programa mais recente, objetiva ampliar a visibilidade da ASSEMA, através da chamada de "Embaixada Babaçu Livre", no centro histórico de São Luís, que busca: obter apoio político e financeiro, fortalecimento da base de apoio político à entidade e aumento dos recursos advindos de doações individuais e coletivas, divulgar institucionalmente a ASSEMA e ampliar o mercado dos produtos "Babaçu Livre".

e) Programa de Comercialização Solidária (PCS)

Centrado na organização e comercialização da produção dentro de uma proposta de economia solidária, baseada no cooperativismo, autogestão e comercialização solidária, ampliando a geração de renda e o fortalecimento financeiro das famílias. A Associação conta hoje com uma linha de produtos chamada de "Babaçu Livre", oriundos das seguintes unidades de produção:

1- Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (COOPPALJ) que beneficia e comercializa o óleo de babaçu, a torta de babaçu e o carvão vegetal. Esta cooperativa iniciou suas atividades em abril de 1991, visando aproveitar o babaçu de maneira integral e viabilizar uma estrutura comercial - as cantinas recebessem diretamente os cocos das próprias quebradeiras.

Antes da existência destas cantinas, a venda das amêndoas e a compra de outros bens eram feitas por atravessadores ou fazendeiros, estes estabeleciam os preços de compra, geralmente injustos, as quebradeiras tinham que quebrar dez quilos de amêndoas para comprar um quilo de açúcar. Com a implantação das cantinas, a maioria dos atravessadores foi afastada, os que quiseram quiserem continuar comprando amêndoas, têm que acompanhar o preço oferecido pela cantina.

Assim, cantinas foram as estratégias utilizadas de articular da produção e comercialização, facilitando as compras de mercadorias por parte dos habitantes das comunidades e a venda dos produtos agroextrativistas produzidos na região. Ao todo são oito cantinas, distribuídas em pontos estratégicos no município de Lago do Junco, nesses estabelecimentos comerciais é mantida a relação solidária entre as compras e vendas, pois as famílias podem adquirir os produtos de necessidades imediatas a preços mais baixos.

A Cooperativa produz à torta e o óleo de babaçu. O óleo conta com o selo de certificação orgânica do Instituto Biodinâmico, sendo o único óleo de babaçu com certificação orgânica do mundo.[12]

[12]ASSEMA. Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão. Relatório de atividades anual 2007. Pedreiras, 2007_a, 92 p.- (ASSEMA, 2007_a).

> "A nossa luta também foi ficando cada vez mais ....assim..... para melhorar os preços dos nossos trabalhos...da coleta do coco..... A gente ganhava muito pouco, 30 ou 40 centavos por kilo antes da associação. Também pelo direito de vender os produtos do babaçu para aumentar a renda das famílias. Aí para fazer a fábrica começamos .....lutamos para arrumar uma prensa para evitar o atravessador que pagava isso.... pelo coco. Eles compravam e revendiam. As mulheres vendiam...primeiro só a amêndoa, por que não tinha jeito. Hoje a gente ta deixando de vender só para o atravessador e usamos o coco inteiro.[13]"

2- Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Esperantinópolis (COOPPAESP) que produz a farinha do mesocarpo. A COOPPAESP foi fundada no dia 26 de setembro de 1992, atualmente conta com somente 65 associadas, esta Cooperativa tem por objetivo comercializar a produção da farinha de mesocarpo, cujo nome comercial é "Bio Nutri". Em sua base de apoio, contam com quatro núcleos de produção localizados nos povoados de Giquiri, São José, Palmeiral e Centro do Coroatá, todos fazem parte do município de Esperantinópolis.

3- Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais (AMTR) que produz sabonete Babaçu Livre e papel reciclado. Ela foi fundada em abril de 1989, está composta com 123 associadas tendo por intuito de preservar a natureza e lutar por direitos comuns, como saúde, educação e a valorização do das quebradeiras. A sede está localizada no Município de Lago dos Rodrigues, mas, abrange várias comunidades de outros municípios.

Em 1996, a AMTR construiu a fábrica de sabonete de babaçu. A Associação desenvolve um trabalho com aproveitamento de fibras vegetais, utilizadas na fabricação de papel reciclado, o qual é destinado para fabricação de embalagens, pastas para encontros e seminários, porta-canetas, porta-joias, adereços para presentes e papel para cartões de visitas e datas comemorativas. Também trabalha com plantas aromáticas, utilizadas como essências dos sabonetes e com plantas medicinais.

O Grupo de Mulheres de Santana (GMS) é formado por dezoito pessoas e produz compotas de frutas. Atualmente estão iniciando a produção de licores de frutas utilizando como matéria-prima as frutas orgânicas obtidas por meio do sistema de produção agroextrativista.

A Associação de Jovens Rurais (AJR) foi criada por grupos de jovens de várias comunidades, com caráter organizacional e político e tem como produto o artesanato de babaçu. Esses subgrupos possuem características bem distintas, alguns mais consolidados, outros em processo de estruturação.

O coco babaçu é coletado e quebrado durante o ano todo, concentrando a produção entre os meses de setembro a janeiro. Esta coleta é feita nos babaçuais, geralmente em

[13] Maria Alaídes coordenadora da ASSEMA na cidade de Pedreiras, entrevista realizada em 12/07/2011.

grupo, com o auxílio de um cofo atado ao machado, sendo transportado sob a cabeça e/ou animais de carga.

O coco pode ser armazenado até um ano, desde que em condições especificas (baixa umidade e temperatura elevada) e cuidando do ataque de pragas (besouros, que deixam suas larvas nas amêndoas e destroem os frutos). Os cocos podem ser quebrados na própria floresta ou trazidos para casa, o que geralmente ocorre devido às inúmeras tarefas domésticas que as mulheres realizam. Os principais instrumentos até hoje utilizados para a quebra são um pedaço de pau, conhecido como "porrete" e o machado

Como forma de aumentar o rendimento econômico da ariscada prática de quebrar o coco, vários equipamentos ou máquinas mecânicas foram desenvolvidos, mas sem a aprovação e incorporação pelas quebradeiras, pois por mais que se faça uma seleção dos cocos antes do processo, os frutos não apresentam as mesmas conformidades. Ainda se busca uma tecnologia capaz de facilitar a prática, que propicie e valorize o trabalho das quebradeiras.

O período das chuvas é considerado crítico para a atividade, o acesso aos babaçuais, coleta e quebra do coco tornam-se difíceis, os percursos ficam enlameados e os frutos encharcados, desgaste físico é maior, crescendo também o número de acidentes devido os cocos escorregarem das mãos ao serem batidos com o porrete no machado.

Depois de retirar as amêndoas, as mesmas são vendidas nas cantinas, onde são armazenadas em sacos, os quais são recolhidos uma ou duas vezes por quinzena (de acordo com a safra) e levados para a cooperativa. Sendo o resíduo da quebra do coco aproveitado para fazer carvão vegetal.

O processamento das amêndoas começa com uma limpeza e seleção. Este processamento pode ser feito em máquinas integradas de beneficiamento ou de maneira rudimentar na própria casa, utilizando-se um pilão. A amêndoa dá originem a uma enorme variedade de subprodutos, dentre eles: óleo para a fabricação de cosméticos, azeite utilizado na alimentação humana, torta para ração animal, borra para fabricação de sabão e leite utilizado na culinária

As amêndoas selecionadas não devem ter furos e nem aspecto amarelado para não deixar o óleo rançoso (cheiro forte e sabor acre encontrado em substâncias gordurosas). A próxima fase é a torrefação, processo que envolve a torragem da amêndoa picada, adicionando um pouco de água para a futura evaporação. Segue-se a moagem das amêndoas para obtenção de pedaços bem pequenos, uma espécie de farelo. A próxima fase é o cozimento, sistema de diluição do sumo ou farelo em uma chaleira, para obtenção do óleo bruto. A seguir se realiza a prensagem, método de divisão que separa o óleo da torta. A decantação é feita a seguir com o objetivo de liberar as impurezas ou resíduos restantes no óleo. Logo depois se realiza a filtragem, processo de refinamento mais apurado do óleo que separa a borra de babaçu do óleo limpo pronto para o envasamento em tambores de aço prontos para a comercialização, ou em recipientes de vidro, garrafas pet reutilizáveis, tambores ou tanque para ser armazenado. O armazenamento é feito em

local seco e arejado e é recomendado o não empilhamento dos vasilhames.

Após todo o processo de coleta do coco, quebra e seleção da amêndoa, faz-se a moagem em moinho ou pilão para obtenção do leite de coco babaçu. O próximo passo consiste em separar o leite do bagaço ou farelo. Para este processo, o método mais utilizado é coar os resíduos utilizando um pano limpo ou uma peneira, adicionando sempre um pouco de água. O resíduo do processo de coagem servirá para alimentação de animais, principalmente porcos e galinhas pertencentes às próprias famílias.

Após a coleta, o coco é selecionado na unidade de processamento, onde se obedece a critérios rigorosos, pois o produto obtido, que são os flocos, tem que ser de coco maduro, sem sinais de danos causados por roedores. A fase a seguir é a de lavagem, onde os cocos são imersos em um tanque com água clorada e esfregados com auxílio de uma escova e sabão. Segue-se o enxágue, que consiste em retirar com água limpa e corrente os resíduos do sabão e do cloro, ficando o coco preparado para o descascamento. A retirada da casca do coco é feita de forma manual com o auxílio de um facão parafusado e adaptado em uma bancada de azulejo. Neste processo, haverá a separação do fruto e da casca

Para a fabricação da farinha de mesocarpo é importante a limpeza retirando todos os resíduos da casca do coco, deixando-o já no ponto da retirada do floco. Este processo consiste em bater no coco com um porrete, até desprender o floco do coco. Após a retirada dos flocos, a secagem é feita em estufas ou através da exposição do produto ao sol sob sacos plásticos. Neste caso, o local de exposição deve ser bem seco, arejados, longe de fossas e de animais. Em seguida é feita a moagem dos flocos através de moinho ou pilão, para eliminar os fiapos das cascas e outras impurezas. Após este processo se tem a farinha de mesocarpo de babaçu. Por último, é feito o acondicionamento da farinha em sacos plásticos e o armazenamento do produto em local seco, arejado e limpo.

Este processo começa a partir do recebimento da matéria prima utilizada: óleo de babaçu, essência natural, mel e soda caustica. O material é colocado em um misturador até dar o ponto certo, após este processo é colocado nas formas. Após o endurecimento do produto, é feito o corte com lâminas de nylon, o acabamento manual, a embalagem e acondicionamento feito em caixas contendo 75 unidades

O sabonete, com fórmula incrementos naturais, vem sendo comercializado em vários pontos do Brasil, leva no *slogan* o valor social agregado, a fórmula de boa qualidade e a luta das quebradeiras de coco.

A produção de carvão a partir da casca do coco babaçu (endocarpo lenhoso) é feita geralmente em caieiras (buraco feito no chão do quintal), onde a casca é despejada e logo após, ateado fogo. Após a queima, ocorre o desaquecimento, processo que consiste no esfriamento do carvão, para tanto, são utilizadas palhas verdes da palmeira de babaçu e da bananeira para cobrir o carvão e um pouco de terra para acelerar o desaquecimento.

O carvão produzido tem todo um cuidado ecológico e sustentável, principalmente no que se refere à

queima do coco inteiro, pois este ato quebra o ciclo da produção. O material utilizado na fabricação desse carvão já veio de outros processos produtivos, principalmente da fabricação da farinha de mesocarpo. Este carvão queima quatro vezes mais que o de madeira.

A coleta da palha é feita a partir do 2º olho (broto da folha), conhecida como "pindobas", nome dado à palmeira nova. A folha é aberta e exposta ao sol por 10 a 15 dias para que ocorra a secagem. A seleção das folhas leva em consideração a consistência, ausência de rachaduras e largura das palhas. A retirada ou não do talo central das folhas depende do tipo de artesanato a ser feito, por exemplo: cofo, esteiras, bolsas. Utilizam-se tesouras ou facas para fazer os cortes da palha no momento da fabricação do produto.

A palha do babaçu também é utilizada como complemento para o trabalho das mulheres que fabricam o papel reciclado com a fibra de babaçu. A coleta é feita a partir da folha seca do babaçu, sendo que esta deve ser retirada da palmeira quando seu aspecto estiver amarelado. O processo consiste em retirar o talo do meio da palha, em seguida pica-se a mesma com tesoura ou à mão. Após esse processo, ela é submersa em ½ balde de água e um pouco de soda caustica para dar consistência à fibra (pasta resultante da palha). Somente depois disso é que se adiciona o papel já selecionado pelas mulheres, pois este deve ser de preferência de cor branca para uma melhor qualidade do material.

Esse processo é feito manualmente e posto posteriormente em uma fôrma/tela e exposto ao sol. A pintura do papel é feita com tintas naturais oriundas de plantas nativas como urucum e a flor do maracujá para dar aspecto natural ao papel

A seleção do produto é feita a partir da qualidade externa do coco, priorizando aqueles que não possuem rachaduras ou imperfeições na camada fibrosa (epicarpo). A seguir se faz a serragem, método artesanal que consiste em serrar o coco ao meio, dando formato ao produto a ser confeccionado. Para esse processo, utilizam-se serras manuais.

Após este processo se faz o lixamento e polimento da peça utilizando-se a lixa manual, cujo objetivo é dar um aspecto mais liso ao material. Outro processo de acabamento é a perfuração, feita com o uso de broca para obtenção da forma desejada do produto. No acabamento final, é utilizado tintas, verniz industrial ou o método artesanal da mistura de óleo quente e cola. Os produtos acabados aparecem sob a forma de brincos, colares, chaveiros, bichos, pilão etc.

Desde 2001 que a ASSEMA se empenha em estabelecer uma política de comunicação que possibilite a ampliação e diversificação de fontes de recursos. Foi definido como estratégia investir na venda de produtos compondo uma linha de denominada de "Babaçu Livre".

Visando constituir uma única identificação, uma marca, foi produzida o selo Babaçu Livre, embalagens e adesivos, bem como visando a legalidade comercial da "Linha Babaçu Livre", foi criada a Cooperativa Babaçu Livre. Já para sua divulgação foram feitos folders, cartazes, vídeos, banners e, informativo regular, e cartas, inicialmente os produtos foram lançados no mercado regional,

especificamente em São Luís e Pedreiras, ampliando para o mercado nacional e internacional. [14]

Dando sequência, em março de 2003, inaugurou-se a "Embaixada Babaçu Livre", espaço para a comunicação, venda de produtos e mobilização de recursos no centro histórico de São Luís. Atualmente são comercializados 14 produtos e conta com a participação de 370 produtores. O espaço é considerado o "cartão" da organização, sendo considerado o ponto de referência da economia solidária no Maranhão, pois além de comercializar os produtos da Associação, abriu espaço para a comercialização de produtos de outras organizações, parceiros que não tinham oportunidade de mostrar o seu trabalho em outros espaços.

A comercialização dos produtos da "Linha Babaçu Livre" embora esteja inserida no mercado global, atua na lógica da economia solidária, tendo como base a economia familiar, buscando maior autonomia em relação ao mercado e tendo como estratégia a economia de autogestão.

Atualmente o Programa de Comercialização Solidária assessora de forma direta as etapas de beneficiamento/processamento, mercado/comercialização e administração de sete grupos, sendo três cooperativas (COOPPALJ, COOPPAESP e Cooperativa Babaçu Livre); quatro associações (Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues - AMTR, Associação de Mulheres da Comunidade de Santana, Associação da Gleba Riachuelo - AGR e a Associação de Jovens Rurais do Maranhão – AJR), que se subdividem em 10 subgrupos, atendendo aproximadamente 315 famílias e um total de 370 trabalhadores.

São vários produtos que fazem parte da linha Babaçu Livre: arroz, milho, feijão, farinha de mandioca, sabonete de babaçu, papel reciclado, essências aromáticas, remédios naturais, compotas, licores e artesanato. Além dos produtos da linha "Babaçu Livre", 47 novos produtos de outras comunidades do Maranhão e de outros Estados foram trazidos para serem comercializados através da Cooperativa. [15]

A ampliação dos limites temáticos e de projetos envolvendo várias organizações, grupos locais e produtos

[14] O óleo é utilizado por indústrias para fabricação de produtos de higiene e limpeza. Dos seus 228 mil quilos produzidos pela COOPPALJ em 2007, o mercado nacional absorveu 51,5%; a Inglaterra 20,5%; A Itália 14% e Os Estados Unidos 14%. Em 2007, 40% da produção de sabonetes de babaçu foi consumida no Maranhão, principalmente em São Luís. Cerca de 10% foram comercializados na região Nordeste; outros 10% na região Sul e 40% na região Sudeste. No Maranhão, os principais pontos comerciais são as casas de artesanato, farmácias naturistas e a Embaixada Babaçu Livre, todos localizados em São Luís. Dos nove mil quilos de mesocarpo produzidos, 60% foram para a CONAB; 8% vendido em São Luís e 32% são distribuídos entre os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, e Minas Gerais.

[15] Do município de Alcântara/ MA, produtos da Associação da comunidade de Itamatativa e da Associação da comunidade de Santa Maria. Do Tocantins, participam a Assoc.de São Francisco, a Assoc. de quebradeiras de coco do Bico do Papagaio e a Assoc. de Quebradeiras de Coco de São Miguel. Do município de São Luís/MA, encontram-se produtos do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu; da Tijupá; da Azulejo Japiaçu; da Buritiart, do Grupo Babaçueira, do Grupo de Mulheres Negras Maria Firmina, da Dignidade e da COOPERARTE. Do município de São José de Ribamar/MA, participa a Associação dos Produtores de Cerâmica. De Pernambuco, vem produtos da

com os quais a ASSEMA trabalha, possibilitou uma reorganização das estratégias de ação nos mercados e estruturação dos projetos econômicos, colocando debates novos como a certificação dos produtos, a construção do mercado e do consumo ético, a economia solidária, na perspectiva de contribuição para a afirmação da identidade econômica das famílias agroextrativistas e de suas organizações locais.

Ainda, mantêm-se relações com empresas da Inglaterra, Itália e Estados Unidos que se colocam no campo do mercado da economia solidária, com as quais se realiza comercialização de produtos da linha "Babaçu Livre", entre elas estão a *The Body Shop Interntional* (Europa), *Aveda Corporation* e *Inara* (Estados Unidos).

Como impactos gerados pela atuação do Programa de Comercialização Solidária, pode-se destacar:

a) Estruturação e transparência nos sistemas administrativos, gerenciais e legais das unidades produtivas;

b) Divulgação das condições de vida e trabalho nas regiões dos babaçuais, através da comercialização dos produtos agroextrativistas da Linha Babaçu Livre;

c) Influência na definição dos preços regionais dos subprodutos do babaçu que são pagos às famílias agroextrativistas;

d) Organização do sistema de beneficiamento/processamento dos produtos da linha "babaçu livre";

e) Capacitação das Mulheres quebradeiras de coco babaçu e trabalhadores agroextrativistas na produção e gerenciamento de seus empreendimentos econômicos;

f) Valorização da identidade do agricultor familiar, da quebradeira de coco babaçu e consequentemente da mulher enquanto sujeito político e econômico;

g) Desenvolvimento de uma linha de produtos de produção familiar "babaçu livre" com marketing próprio e voltado para a divulgação das atividades agroextrativistas e suas alternativas de vida;

h) Fortalecimento e valorização da proposta associativista e cooperativista mostrado através do aumento no número de mulheres associadas, na direção dos trabalhos e no trabalhando nas cantinas;

i) Reconhecimento da sociedade local em relação às experiências agroextrativistas e de comercialização solidária que vem sendo praticadas na região;

j) Reconhecimento pela sociedade das alternativas de desenvolvimento rural que vem sendo forjadas nas áreas de atuação da ASSEMA;

k) Reconhecimento autonomia em relação ao atravessador, quebrando com uma situação histórica de dominação política e exploração;

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. De Santa Catarina, vêm produtos da Justa Trama, do Pará participa da COOP PARA. ASSEMA. Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão. Relatório de atividades semestral 2007. São Luís, 2007. 42 p.

l) Fortalecimento da luta pela preservação da floresta de babaçuais;

m) Autoafirmação, respeitabilidade, afirmação da identidade das famílias agroextrativistas;

n) Estabilização do preço das amêndoas de babaçu comercializadas nos municípios de atuação da COOPPALJ, evitando que as formulações dos preços ficassem apenas nas mãos dos atravessadores;

o) Capitalização da cooperativa, possibilitando acumular recursos para no final de cada ano comercial fazer uma distribuição de sobras para seus (suas) associados (as).

A ASSEMA tem recebido visitas de órgãos governamentais estaduais, federais e municipais, de movimentos sociais e entidades de assessoria, bem como convites para participação e exposição da proposta em eventos externos, tais como a feira dos produtos da Amazônia (Flora Brasil, realizada no estado do Acre, Frutal em Fortaleza, *Biofach* América Latina, Rio de Janeiro, Brasiltec em São Paulo, *Terra Madre Turim*, na Itália e outras feiras regionais). Para tanto, a ASSEMA vem recebendo apoio técnico de organizações de cooperação internacional e nacional, principalmente na assessoria a entidades e nos projetos desenvolvidos na sua área de atuação.

A ASSEMA busca integrar-se em articulações regionais, estaduais, nacionais e até internacionais, participando de Fóruns ligados as entidades que atuam na região Amazônica, Norte, Sudeste e Nordeste, como por exemplo: Fórum de entidades da Amazônia oriental (FAOR); Grupo de Trabalho Amazônico (GTA); Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB); Rede de Comercialização da Pequena Agricultura (RECOPA); Programa de Capacitação Técnicos da Amazônia (PCTA); Rede de Intervenção em Políticas Públicas (RIPP).

No Maranhão participa de articulações com organizações de atuação no meio rural, tais como: Rede Agroecológica do Maranhão (RAMA), Movimento dos Sem Terra (MST), Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAEMA), Comissão Pastoral de Terra (CPT), Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH). Ainda, integra o Processo de Articulação e Diálogo (PAD), entre as agências Ecumênicas e as Entidades parceiras do Brasil.

A partir de relatos das envolvidas e da documentação coletada na ASSEMA, observar o que elas consideram como as maiores conquistas da Associação:

a) Intermediação e regularização fundiária junto ao governo estadual;

b) Apoiou a formação de associações que representassem os extrativistas em sua forma tradicional de produzir e viver;

c) Fomento à criação de cooperativas que garantissem a liberdade de comercialização do babaçu, pois, até então, as quebradeiras de coco e os trabalhadores rurais eram forçados a vender sua produção a determinados comerciantes, que eram via de regra, os mesmos fazendeiros envolvidos nos conflitos agrários;

d) Aumento da qualidade de vida das famílias;

e) Livre acesso e a preservação dos babaçuais que se encontram dentro de propriedades privadas através da Lei Babaçu Livre.

Segundo relatos das participantes, na década de 1980, as famílias tiravam seu sustento do coco babaçu o que não era suficiente para a manutenção familiar, hoje as famílias contam com uma renda média de 2,5 salários mínimos mensais, e garantem sua alimentação por meio das próprias roças. As famílias da região também têm experimentado melhorias na qualidade de vida, como por exemplo: acesso à água potável através de poços artesianos, fossas, energia elétrica e educação.

Durante o ano de 2001, surgiu também uma nova experiência no âmbito da ASSEMA, a educação de jovens e adultos, através de um programa governamental chamado de Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), em parceria com o Movimento dos Sem Terra (MST) e com a Universidade Federal do Estado do Maranhão (UFMA), cujo objetivo era desenvolver a alfabetização de jovens e adultos em vinte e cinco comunidades.

Outro aspecto é a Lei "Babaçu Livre" que vigora hoje em 14 municípios brasileiros e tramita como proposta de lei na Assembleia Legislativa do Maranhão e na Câmera dos Deputados em Brasília, as pressões para ampliação do benefício é fruto da articulação das mulheres quebradeiras de coco e da luta que se iniciou na região do Médio Mearim.

Como resultados das ações da ASSEMA, tanto em nível nacional como internacional, pode-se listar os seguintes impactos:

a) Maior visibilidade das ações da Associação por meio da divulgação na mídia estadual, nacional e internacional;

b) Maior credibilidade da Associação perante outros movimentos sociais, ONG's, universidades e órgãos dos governos federal, estadual e municipal através da realização de eventos, como a Semana do Meio Ambiente, e da participação em eventos promovidos por outras organizações;

c) Fortalecimento da base da organização por meio da circulação de um informativo institucional, democratizando o acesso às informações e permitindo maior controle por parte dos grupos que formam a Associação;

d) Aumento da venda dos produtos da linha Babaçu Livre através da promoção de exposições, participação em feiras e da própria Embaixada Babaçu Livre;

e) Fortalecimento da identidade das organizações da sociedade civil (OSCs), junto aos demais setores da sociedade e do reconhecimento dos governos da importância de uma sociedade civil forte e autônoma;

f) Maior envolvimento da sociedade local nos projetos sociais da ASSEMA;

g) Fortalecimento social, político e econômico da Associação, e;

h) Valorização das atividades econômicas e culturais, melhoria da autoestima e fortalecimento da identidade das famílias agroextrativistas e de suas organizações.

As ações da ASSEMA se concentraram na busca da melhoria das condições de trabalho e vida das famílias, capacitando-as para elaborar e colocar em prática suas próprias estratégias de desenvolvimento sustentável, assim como, discutir, pensar e propor políticas públicas para suas comunidades. O reconhecimento destas ações resultou em premiações como: Prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente; Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social; Prêmio Empreendedor Social Ashoka/Mckinsey, destacando entre as vinte melhores tecnologias sociais.

No Brasil, desde a década de 1990, as ONGs feministas e/ou de mulheres, estabeleceram uma extensa rede de relações nacionais e internacionais.

A ASSEMA através do seu modelo de trabalho organizacional conseguiu estabelecer na região do Médio Mearim formas de trabalhos baseadas na união dos trabalhadores visando a autonomia de decisões, implementações das ações e alternativas sustentáveis, colocando-se como referência nas questões que tratam do agro extrativismo do coco babaçu.

As ações da ASSEMA procuram atender às necessidades da equidade de gênero e de geração. É uma preocupação garantir oportunidades iguais de participação a homens, mulheres e jovens, não apenas no corpo das organizações de bases, mas também, nas representações nos fóruns de discussões, nos eventos e encontros.

Os trabalhos desenvolvidos nas cooperativas, nas associações ou nos grupos informais, contribuem para libertar esses agentes das dificuldades com a coleta (Lei do Babaçu Livre) e das relações de exploração impostas pelos atravessadores. Já a organização fortaleceu as lutas pelo acesso às políticas públicas, a criação e implementação de Leis Municipais, Estaduais e Federais a favor do livre acesso, exploração e preservação aos babaçuais.

A ASSEMA criou oportunidades e melhorias na qualidade de vida das famílias por meio da preservação ambiental, agregação de valor aos subprodutos do babaçu e da comercialização dos produtos no chamado "mercado justo e solidário". Ela investe na qualificação dos produtores e produtoras, na qualidade dos produtos e na abertura de novos canais de comercialização.

REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno - *Quebradeiras de coco de babaçu: identidade e mobilização – legislação específica e fontes documentais e arquivista*. São Luís: III Encontro Interestadual das quebradeiras de covo babaçu, 1995.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *A ideologia da decadência: leitura antropóloga a uma história do Maranhão.* São Luís: IPES, 1983.

_____. *As quebradeiras de coco babaçu: identidade de mobilização – legislação específica e fontes documentais arquivísticas (1915-1995).* São Luís, 1995. (Cadernos de Formação no 1).

AMARAL FILHO, Jair do. *Economia política do babaçu*. São Luís: SIOGE,1990.

ASSEMA. Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão. Relatório de atividades anual 2003. Pedreiras, 2003.

_____. *Minha terra tem palmeiras e gente de muita fibra.* São Luís: ASSEMA, 2005.

_____. Relatório de atividades semestral 2005. São Luís, 2005.

_____. Relatório de atividades anual 2007. Pedreiras, 2007.

_____. Relatório de atividades semestral 2007. São Luís, 2007.

_____. *A invenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva*. In: (org.). Gênero e Saúde. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

FIGUEIREDO, Luciene D. *Empate nos babaçuais: do espaço doméstico ao espaço público – lutas de quebradeiras de coco babaçu no Maranhão.* Belém, 2005.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.* 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008. In: DEUS, E.

_____. *Organizações não governamentais – ONGs: a modernidade da participação social. Cidadania/Textos. ONGs, parcerias e educação popular.* São Paulo: Gemdec/Unicamp, 1994.

MATOS, Maria Izilda Santos de. SCHWARTZ, Rosana. Borelli, Andrea. *Gênero, terceiro setor e desenvolvimento: quebradeiras, uma luta pela preservação do meio ambiente e cultura dos babaçuais.* São Paulo, Edições Verona, 2015.

MESQUITA, Benjamim Alvino de - *As Mulheres Agroextrativistas do babaçu: a pobreza a serviço da preservação do meio ambiente.* Revistas e Políticas Públicas do programa de Pós-graduação em políticas públicas – Mestrado e doutorado da Universidade federal do Maranhão – Vol. 12, nº1, janeiro/junho, 2008.

_____*A Transformação da pecuária bovina no maranhão sob a ação governamental e as forças de mercado: ritmos e rumos da ação do capital no período 1970-2000.* Vol. 1 Tese de Doutorado.

_____. *As relações de produção e o extrativismo do babaçu nos Estados do Maranhão, Piauí e Tocantins.* In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (org.). Economia do babaçu: levantamento preliminar de dados. 2 ed. São Luís: MIQCB/Balaios, 2001.

SHIRAISHI Neto, Joaquim - *A conceituação do extrativismo na Amazônia: práticas de uso comum dos recursos naturais e normas de direitos construídas pelas quebradeiras de coco.* 1997, Dissertação de Mestrado.

_____. *Conflito entre legislação extrativista e práticas camponesas.* In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (org.). Economia do babaçu: levantamento preliminar de dados. 2 ed. São Luís: MIQCB/Balaios, 2001.

-SÉLLOS, Cláudia L. *A identidade no terceiro setor do Brasil.* In HUMANIDADES, Revista Estudos. Goiânia: Ed. da Universidade Católica de Goias, 2005, v.8, n.8.

-SOUZA, R. C.; OLIVEIRA, J. C.; SALES, V.C. *Agroextrativismo familiar: a consolidação de uma alternativa sustentável para a Região do Mearim.* In: Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, 2007.

-VIEIRA, Vera. *Educomunicando – intervenção comunicacional das ONGs para a visibilidade de discurso e a conquista de novas parcerias.* Estudo de caso: Rede Mulher. Latu Sensu/ ECA/USP, 1999.

-VIOLIN, Tarso C. *O terceiro setor e as cooperativas sociais.* In OAB. Direitos do terceiro setor: atualidades e perspectivas. Curitiba: Seção do Paraná, 2006.

-VIEIRA, Luanda; CARPANI, Jenifer e RODRIGUES, Thaís. *Agência de comunicação especializada em terceiro setor,* TCC/Mackenzie, 2012.